

A Missão Sul-Americana da Ordem Otani e sua contribuição para o Budismo no Brasil¹

The South American Mission of the Shinshu Otani-ha and his contribution to Buddhism in Brazil

Ricardo Mario Gonçalves²

Resumo

Este artigo tem como principal objetivo descrever a missão sul-americana da Ordem Budista da Verdadeira Escola da Terra Pura (Jodo Shin-Shu), ramo Otani e suas contribuições para o desenvolvimento do budismo no Brasil. Análise os percursos da imigração japonesa no Brasil e seu desenvolvimento na comunidade religiosa do templo Higashi Honganji localizado no bairro da Saúde na cidade de São Paulo/Brasil. No trabalho também é trazido uma perspectiva histórica das produções bibliográficas realizadas pelo Instituto Budista de Estudos Missionários (Nambei Shinshu Kyogaku Kenkyujo) mantido por esta instituição.

Palavras-chave: Budismo no Brasil, Terra Pura, Missão

Abstract

This article aims to describe the South American Mission Buddhist Order of the True School of the Pure Land (Jodo Shin-Shu), Otani branch and its contributions to the development of Buddhism in Brazil. Analysis routes of Japanese immigration to Brazil and its development in the religious community Higashi Honganji temple located in the Health district in São Paulo/Brazil. At work it is also brought a historical perspective of bibliographic productions performed by the Buddhist Institute of Missionary Studies (Nambei Shinshu Kyogaku Kenkyujo) maintained by the Commission.

Keywords: Buddhism in Brazil, Pure Land, Mission

¹ Artigo inicialmente publicado em inglês: *The South American Mission of the Shinshu Otani-ha and his contribution to Buddhism in Brazil* no periódico *The Eastern Buddhist. New Series*. Vol. 40, n. 1&2, 2009. The Eastern Buddhist Society, p. 107-120. Para publicação neste número da Revista *Religare* foi solicitada a autorização para publicação em língua portuguesa. Tradução de Fernando Domicildes Carvalho.

² Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Docente aposentado do departamento de História da USP. Reverendo do Templo Higashi Honganji (Jodo Shin Shu/São Paulo) e investigado do Instituto Budista de Estudos Missionários (Nambei Shinshu Kyogaku Kenkyujo).

Introdução

Ainda que a jurisdição da Missão Sul-Americana da Ordem Otani abranja toda a América do Sul e que a mesma hoje desempenhe atividades missionárias na Argentina e no Paraguai, restringiremos nossas considerações ao Brasil, país onde está localizada a sede da Missão e onde a mesma concentra as mais importantes de suas tarefas.

1. Apresentando o Brasil

O Brasil é o mais extenso país da América do Sul. Sua área total é de 8.514.876.599 km², estando dividido em 26 estados e um Distrito Federal. Em 2007 o país compreendia 5.564 municípios. Hoje a população estimada é de 186.619.424 habitantes. É o único país da América Meridional a ter por idioma o português, pois ao contrário das demais nações da região, frutos da colonização espanhola, foi colonizado por Portugal. Descoberto por navegadores lusos em 1500, o Brasil foi colonizado pela Coroa Portuguesa com o objetivo de fornecer lucros para a mesma e não para proporcionar uma nova pátria para dissidentes religiosos perseguidos na Europa, como foi o caso das colônias inglesas que deram origem aos Estados Unidos. As principais atividades da Colônia foram a agricultura latifundiária, a pecuária e a mineração, alicerçadas na mão de obra escrava. Tentou-se, sem muito sucesso, escravizar o indígena. Foi a África a grande fornecedora de escravos para o Brasil, tanto na sua fase colonial tanto nas suas primeiras décadas como nação independente.

Em fins do século XVIII, a introdução das idéias iluministas da Europa estimulou os primeiros movimentos pela emancipação política que só foi alcançada em 1822. É interessante notar que se na maior parte da Europa o Iluminismo teve uma conotação anticlerical e anti-religiosa, nos países ibéricos e

suas colônias, como o Brasil, ele foi esposado principalmente pelo clero católico esclarecido. O processo da Independência foi facilitado pela vinda da Família Real Portuguesa, que, fugindo exércitos napoleônicos, se estabeleceu na Colônia em 1808. A conquista da Independência foi relativamente pacífica e um príncipe português, D. Pedro I, se tornou o primeiro monarca da nação emancipada. A manutenção do regime monárquico preservou a unidade territorial da antiga América Portuguesa, ao passo que a América Espanhola se fragmentou em numerosas repúblicas. A escravidão foi abolida em 1888, mas nada foi feito para integrar os ex-escravos na sociedade brasileira como trabalhadores livres, os latifundiários recorreram à imigração estrangeira para substituir a mão de obra escrava perdida. Em 1889 foi implantado o Regime Republicano, sob o qual alternaram-se fases de liberalização democrática e autoritarismo. No presente estamos vivendo um período de consolidação da Democracia que se sucede a uma ditadura militar implantada em 1964 que se estendeu por cerca de 20 anos. A economia brasileira permaneceu predominantemente agrícola até cerca de 1930, quando se iniciou uma fase de modernização caracterizada pela industrialização e pelo aceleração da urbanização.

O Brasil teve o Catolicismo por religião oficial desde o período colonial até a implantação da República que trouxe a separação entre Igreja e Estado e garantiu a liberdade de culto. Hoje o Brasil é um estado teoricamente laico, mas a religião dominante (católica) preserva uma série de privilégios, o que faz do laicismo “à brasileira” um regime de dois pesos e duas medidas: ofensas reais ou imaginárias à religião dominante são prontamente reprimidas em nome da lei, ao passo que atos discriminatórios contra as religiões minoritárias são geralmente ignorados pelas autoridades. O panorama religioso brasileiro se caracteriza pela presença, ao lado do Catolicismo dominante (cerca de 70% da população), de uma crescente comunidade protestante e de outras minorias religiosas como cristãos ortodoxos,

judeus, muçulmanos, budistas, praticantes de cultos sincréticos afro-brasileiros, etc.

2. A imigração japonesa e o budismo no Brasil

O desenvolvimento da lavoura cafeeira e a perspectiva do fim iminente da economia escravista fizeram da Província (hoje Estado) de São Paulo, a partir de meado do século XIX, o principal polo receptor de imigrantes estrangeiros de nosso país. Percebendo que a escravidão era uma instituição com os dias contados, os fazendeiros paulistas viram no imigrante estrangeiro uma alternativa à mão de obra escrava e começaram a fomentar a vinda de trabalhadores agrícolas europeus: italianos, espanhóis, portugueses, alemães, etc. Entretanto, acostumados a recorrer ao braço escravo, nossos cafeicultores não estavam preparados para oferecer condições de vida dignas a trabalhadores livres: a vida dos colonos nas fazendas era extremamente dura e o número de candidatos europeus à imigração para o Brasil começou a escassear. A alternativa encontrada foi o fomento da imigração japonesa. Depois de várias tentativas e intensas negociações, a primeira leva de imigrantes japoneses totalizando 781 pessoas a viajarem no vapor *Kasato Maru* desembarca no porto de Santos em 18 de junho de 1908. O Centenário da Imigração Japonesa no Brasil comemorado este ano é também o Centenário da chegada do budismo, já que o primeiro monge budista a desembarcar em solo brasileiro foi o Ven. Nissui Ibaragi, da Escola Butsuryû-shû, que veio a bordo do *Kasato Maru* como simples trabalhador agrícola. Os imigrantes trouxeram a fé budista impressa em seus corações e alguns trouxeram em suas bagagens seus oratórios domésticos (*butsudan*). Quando algum imigrante falecia, um companheiro que conhecia mais ou menos os textos budistas servia de oficiante para o funeral.

Inicialmente os imigrantes japoneses não tencionavam se estabelecer definitivamente no Brasil, sua idéia era trabalhar duramente durante alguns anos, amealhar um pecúlio e regressar ao Japão. Poucos imigrantes foram bem sucedidos nesse seu projeto original. A maioria se viu colhida nas engrenagens do processo resultante do envolvimento do Brasil e do Japão na Segunda Guerra Mundial, em campos opostos. Terminado o conflito, a mudança radical do contexto impediu definitivamente sua volta, obrigando-os a fazerem do Brasil sua segunda pátria. Particularmente difícil foi a situação dos imigrantes entre 1942 e 1952, quando o Brasil e o Japão estiveram de relações cortadas, por causa da guerra. Tiveram seus bens congelados ou liquidados e sofreram as mais variadas formas de discriminação e restrição, como a proibição de usar e ensinar o idioma japonês, de editar jornais e de circular livremente. Com o término do conflito, a comunidade nipônica do Brasil se cindiu em duas facções, a dos *kachigumi* ou triunfalistas, que acreditavam que o Japão venceu a guerra, e a dos *makegumi*, realistas ou derrotistas, que aceitaram a amarga realidade da derrota. Uma organização secreta de *kachigumi*, a Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos) promoveu uma onda de assassinatos de *makegumi* estigmatizados como traidores. Esse doloroso episódio provocou uma onda de ressentimentos e inimizades que perdurou por muitos anos na coletividade nipônica no Brasil. Impossibilitados de regressar a seu país por causa da derrota, os imigrantes começaram a importar para sua pátria adotiva suas instituições culturais e religiosa, a partir do restabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão em 1952. Principiou nesse ano a vinda das primeiras missões oficiais budistas japonesas para o Brasil, com o objetivo prioritário de prestar assistência espiritual para os imigrantes e cultuar seus mortos. As mais antigas Missões são as do Budismo Shin (Ordem Otani e Odem Hompa), que remontam a 1952. Posteriormente vieram as Escolas Soto Zen, Nichiren, Shingon e Jodo. Em 1958 foi constituída a Federação das Escolas Budistas Japonesas no Brasil que hoje compreende o Budismo Shin

(Nishi e Higashi Honganji) e as Escolas Jodo, Nichiren, Soto Zen, Shingon e Butsuryû-shû.

Em 1953 foi retomado o fluxo imigratório interrompido pelo conflito mundial até cessar em 1973 quando aportou em Santos o navio *Nippon Maru*, trazendo a última leva de imigrantes. Em 1988 o Censo Demográfico da Comunidade estimou a população nikkei do Brasil em 1.228.000 pessoas. Nesse mesmo ano teve início o refluxo: os descendentes de japoneses começaram a emigrar temporariamente para o Japão em busca de melhores condições de vida: é o fenômeno *dekasegi* que atingiu seu apogeu no início dos anos noventa. Hoje o número de *nikkeis* residentes no Brasil é estimado em cerca de um milhão e meio de pessoas, ao passo que o número de *dekasegi* brasileiros é superior a 300 mil.

As missões budistas japonesas que começaram a se instalar em nosso país a partir de 1952 foram as primeiras organizações do gênero que o Brasil conheceu. Por isso, durante várias décadas o termo *budismo* foi no Brasil sinônimo de *religião japonesa*. Hoje, dada a existência em nosso país de comunidades budistas formadas por imigrantes chineses e coreanos e por organizações que visam preferencialmente o público brasileiro, como os grupos voltados para a prática do Theravada e do budismo tibetano, a situação é bem diferente. Atuando prioritariamente junto à comunidade nikkei, as missões budistas japonesas gozam de pouca visibilidade perante a sociedade brasileira. Dada a grande publicidade feita pelos grupos de origem tibetana e a ampla difusão dos livros escritos pelo Dalai Lama, muitos brasileiros pensam hoje que o budismo foi introduzido no país pelos tibetanos...

Hoje em dia podemos distinguir no Brasil dois tipos de budismo: a) o budismo étnico ou de imigração voltado prioritariamente para a assistência espiritual dos imigrantes japoneses, chineses ou coreanos; b) o budismo de missão ou de conversão, que tem por principal destinatário o público brasileiro em geral. Entram nesta última categoria as organizações que representam as tradições

Theravada e tibetana. Entretanto, organizações do budismo de imigração podem também atuar como budismo de missão.

Ao abordar a situação atual do budismo no Brasil, a mídia geralmente adota um tom triunfalista e sensacionalista, falando de um grande crescimento do número de budistas e da adesão ao Dharma por parte de celebridades dos meios artísticos e jornalísticos. Na realidade, muitas dessas celebridades pertencem às chamadas *Novas Religiões Japonesas* que são muito ativas entre os brasileiros, sendo frequentemente confundidas com o budismo. Um estudo publicado em 2004 pelo Prof. Dr. Frank Usarski, do Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mostra, através de estatísticas oficiais brasileiras, que o número de budistas no Brasil tende a decrescer. O censo de 2001 registrou a existência de 236.408 budistas no país e o de 2000 mostrou que esse número caiu para 214.873. Tais números demandam explicações e reflexões. Em primeiro lugar, considero esses números exagerados, pois eles incluem devotos de *Novas Religiões*". Em segundo lugar, essa diminuição se explica pelo fim da imigração nipônica, pelo falecimento dos velhos imigrantes e pelo fenômeno *dekasegi* responsável pela ida de muitos *nikkeis* para o Japão. Há que lembrar também que grande parte dos descendentes dos japoneses, não mais se define como budista, convertendo-se ao cristianismo ou aderindo às *Novas Religiões* japonesas. Entretanto, até mesmo esses elementos recorrem esporadicamente aos templos budistas para a celebração de ritos em memória de seus ancestrais. De qualquer forma, tendo cessado a imigração para o Brasil, o budismo japonês de imigração está com seus dias contados. Sua única saída é transformar-se em budismo de missão, abrindo-se para o público brasileiro em geral. A Missão Sul-Americana da Ordem Otani está entre as que começam a ensaiar seus primeiros passos nessa direção.

3. A trajetória da Missão Sul-Americana da Ordem Otani no Brasil

A Missão Sul-Americana da Ordem Otani foi fundada oficialmente em 1952, por ocasião da Visitação feita em nosso país pelo Grão-Mestre Kocho Otani. Essa Visitação, além de iniciar atividades missionárias em nosso país em resposta ao apelo feito por imigrantes pioneiros devotos da Ordem, teve também por objetivo promover a reconciliação entre as facções de *kachigumi* e *makegumi*, conforme relata um dos integrantes da comitiva do Grão-Mestre, o Rev. Chitoku Furukawa:

Por ocasião da Visitação do Grão-Mestre enfrentamos uma série de problemas, em primeiro lugar, no território a ser visitado não havia nenhum missionário e não existia nenhum templo vinculado ao Higashi Honganji. Assim, registrara-se veementes opiniões contrárias à viagem do Grão-Mestre e de sua esposa, sem nenhum reconhecimento prévio da região. Um outro problema surgiu quando... recebemos a notícia de que os japoneses residentes na região estavam divididos em duas facções em conflito: os kachigumi, que acreditavam que o Japão havia vencido a guerra, e os makegumi que aceitaram a derrota. O Ministério das Relações Exteriores se mostrou extremamente apreensivo, temendo que a Visitação viesse a acirrar ainda mais os ânimos.

Entretanto, os que ansiavam pela Visitação do ilustre casal eram da opinião que a realização de cultos em memória dos imigrantes falecidos em condições tão adversas iria irmanar em um mesmo ideal os militantes de ambas as facções, fazendo-os superarem seus ressentimentos. Assim, declararam com firmeza que consideravam a Visitação necessária para a superação desses problemas... Nós também desejávamos a união de todos os japoneses, mas éramos testemunhas da tensão que cada vez mais se aprofundava entre as facções em conflito, como é próprio da condição humana... Como já tínhamos alguma informação sobre a região, era nossa diretriz fundamental conseguir que em cada local ou assentamento a ser visitado as diferenças entre as duas facções fossem aplainadas para que a visita se tornasse possível... Princiávamos por visitar as localidades onde o conflito não era muito intenso. Quanto aos locais onde eles eram mais acirrados, às vezes tínhamos de negociar onze ou doze vezes antes de conseguir a concórdia entre as partes. Entretanto, às vezes, ao chegar ao local da visita, os dois grupos apresentavam suas saudações separadamente, ou então nossa comitiva era obrigada a se dividir: o Grão-Mestre se

hospedava na residência de um makegumi, enquanto que eu e o Rev. Inaba, chefe da comitiva, nos víamos obrigados a pernoitar em outro lugar, de modo que a função de anfitrião pudesse ser exercida por ambas as facções. Às vezes almoçávamos com uma das facções e jantávamos com a outra...

De qualquer forma, podemos concluir que a Visitação e a celebração dos cultos em memória dos falecidos conseguiram criar condições favoráveis ao estabelecimento de um diálogo entre os dois grupos (Depoimento recolhido pelo Provincial Rev. Fukashi Urabe).

O Rev. Doi Inaba, acompanhante do Grão-Mestre na Visitação, foi nomeado primeiro Provincial da mesma em 1954. Nos primeiros anos a sede da Missão permaneceu abrigada provisoriamente em residências de devotos. Em 1955 foi comprado no bairro do Jardim da Saúde, Cidade de São Paulo, o terreno onde foi construído o Templo Nambei Honganji, atual sede da Missão, inaugurado solenemente em 1959. Atualmente a Missão Sul-Americana, além de sua sede em São Paulo, possui 18 templos espalhados por vários Estados, a maioria em cidades do interior dos Estados de São Paulo e do Paraná: conta ainda com vários núcleos e representantes em cidades onde não há templos. Em 1990 a Missão contava com 45 ministros do Dharma, dos quais 19 eram missionários vindos do Japão, 2 eram brasileiros e os restantes recrutados entre os devotos como clérigos auxiliares. Hoje esse número se encontra reduzido para 20 ministros, sendo 13 os missionários (dentre os quais 2 brasileiros) e 7 os clérigos auxiliares (dentre os quais 3 brasileiros). Em 1990 estavam registrados no escritório da Missão cerca de 5.000 *sozokkô-montô* – chefes de família regularmente inscritos na Sociedade Mantenedora (Sozokkô) da Missão e 400 devotos filiados ao *Gojikai* (associação responsável pela manutenção da Sede Central). Hoje o *Sozokkô* e o *Gojikai* não mais existem, temos apenas um grupo de 350 possuidores de urnas no Ossuário do Templo Nambei Honganji que contribuem, com suas taxas, para a manutenção da Sede. O número de devotos diminuiu dramaticamente e as diretorias da Sede

Central e dos núcleos e templos locais são formadas por uma maioria de idosos, já que os elementos mais jovens da comunidade nikkei raramente se interessam pela instituição. Tudo isso se reflete na parte financeira: já temos casos de venda de imóveis para prover o pagamento de dívidas e evitar a queda no vermelho. Uma gravíssima crise ameaça a Missão de extinção. Somos da opinião de que só uma radical transformação da organização, de budismo de imigração em budismo de conversão, poderá evitar o colapso iminente. Para que essa transformação ocorra, será de capital importância, na nossa opinião, a atuação do Instituto Budista de Estudos Missionários (Nabei Sinhshu Kyogaku Kenkyujo), organismo fundado na Missão em março de 1980 pelo Provincial Rev. Susumu Hoshinobori.

A história do Instituto está intimamente entrelaçada com nossa trajetória pessoal na Ordem Otani, pois embora mantivéssemos contactos informais com a mesma e tivéssemos apresentado na Universidade de São Paulo em 1972 uma Tese de Doutorado em História Medieval sobre a Concepção de História do Mestre Shinran, foi a fundação do Instituto que motivou nosso ingresso na Ordem como Ministro do Dharma, com o objetivo de colaborar com os trabalhos do mesmo. O Instituto, único organismo especializado em pesquisas sobre budismo em nível superior criado na América do Sul por uma Missão japonesa tem por objetivos:

1. Realizar estudos sobre a doutrina do Budismo Shin e colaborar na formação de pessoal dedicado às atividades missionárias;
2. Fornecer aos missionários subsídios sobre a sociedade, a cultura e a religião dos países da América do Sul, para que os mesmos possam adequar sua atuação às condições locais;
3. Produzir material escrito ou audiovisual para uso dos missionários;
4. Realizar traduções para o português dos textos sagrados do Budismo Shin;
5. Editar livros, panfletos e periódicos em português sobre o Budismo Shin.
6. Realizar cursos e conferências sobre o Budismo Shin para o público em geral.

Listamos abaixo as principais publicações lançadas sob a responsabilidade do Instituto até o presente momento:

1. Louvação do Budismo – Livro de Ofícios Bilíngüe editado em 1987, por ocasião das comemorações do 35º Aniversário da Missão. Será reeditado em breve, em nova versão corrigida e ampliada.
2. Revista do Instituto Budista de Estudos Missionários, Vols. 1 e 2.
3. Kenryo Kanamatsu – Naturalidade
4. Manshi Kiyozawa – O Arcabouço de uma Filosofia da Religião
5. Cantares da Aspiração do Nascer na Terra Pura - Tradução do *Ganshōge*.
6. Gyomay Kubose - Budismo Essencial (Everyday S)uchness
7. Shuichi Maida – Quem é o mau? – seleção de artigos do Prof. Shuichi Maida.
8. Yutai Ikeda – Vivendo Juntos na Diversidade
9. Shunko Tashiro – O Respeito à Vida
10. Masao Ryose – Rompendo as Amarras do Ego
11. Jodo Shinshu – Publicação da Universidade Otani
12. Tannishō – O Tratado de Lamentação das Heresias - traduzido por Ricardo Mário Gonçalves
13. Ricardo Mário Gonçalves – O Caminho do Despertar
14. Ouvir Shinran Aqui e Agora
15. Takashi Hirose – O Caminho do Discípulo
16. Ricardo Mário Gonçalves – A Ética Budista e o Espírito Econômico do Japão, S. Paulo, Editora Elevação, 2007 – Publicação comemorativa do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil.

Presentemente, a equipe do Instituto, formada por missionários e colaboradores leigos admitidos por seu notório saber está elaborando uma coletânea bilíngüe de modelos para pregações do Dharma sobre vários temas para facilitar a atuação dos ministros do Dharma que atuam em diferentes localidades.

Há que lembrar que hoje em dia no Brasil os livros sobre budismo são bem aceitos pelo público e se encontram à venda em quase todas as boas livrarias. Alguns deles, como as obras do Dalai Lama, são verdadeiros *best-sellers*. Assim,

investir seriamente na edição de livros certamente será uma maneira de ajudar a Missão a superar a crise financeira em que se encontra.

Uma das tarefas capitais do Instituto é elaborar traduções dos Textos Sagrados, pois sem elas a mensagem do Budismo Shin não atingirá o povo brasileiro em geral e nem mesmo a comunidade nikkei, já que grande parte da mesma não mais entende o japonês. Nossa primeira experiência nessa área foi a tradução do *Tannishô* cuja primeira edição foi feita em 1974, antes mesmo de termos vínculos formais com a Ordem Otani. Posteriormente, elaboramos uma tradução do *Shoshinge* e também traduções parciais dos *Wasan* e das *Cartas* de Rennyô para o Livro de Ofícios lançado em 1987. Presentemente estamos preparando as traduções dos Três Sutras da Terra Pura e do *Kyogyo Shinshô* do Mestre Shinran para serem publicadas até 2011.

Ao longo de todos esses anos temos acumulado experiências que nos levaram a elaborar uma metodologia apropriada para a tradução dos textos sagrados do Budismo Shin. Expomos abaixo os principais pontos da mesma:

- a) Os textos devem ser sempre traduzidos a partir das fontes originais. Podemos nos reportar a traduções inglesas, francesas ou outras quaisquer em busca de subsídios, mas não admitimos traduções de segunda mão. Assim, os textos de Shinran e Rennyô são traduzidos diretamente do original japonês e os dos Sutras e Tratados o são a partir das traduções chinesas que foram utilizadas por Shinran.
- b) Em conformidade com o método de tradução desenvolvido pelo missionário e tradutor Kumarajiva (344 - 413), as traduções são feitas como trabalho de equipe. Uma minuta produzida por um membro da equipe é exaustivamente discutida por todo o grupo até que se chegue a um consenso em torno de um texto passível de publicação.
- c) Concebemos a tradução como um processo inacabado, sempre passível de aperfeiçoamento. Assim, um texto já editado é submetido a uma reavaliação antes de ser reeditado.
- d) Como produtores de traduções para a língua portuguesa, dispomos de fácil acesso de textos ricos em inspiração e

subsídios dificilmente utilizáveis pelos tradutores que trabalham com o inglês ou outras línguas. Trata-se dos textos produzidos no Japão pelos padres jesuítas que estiveram como missionários no Japão nos séculos XVI e XVII, os primeiros ocidentais a estudar a língua e a cultura japonesa. O VOCABVLARIO DA LINGOA DE IAPAM, dicionário japonês-português publicado pelos Padres Jesuítas em Nagasaki em 1603 contém inúmeros termos técnicos budistas japoneses vertidos para o português e é para nós uma preciosa ferramenta de trabalho, principalmente no caso da tradução das *Cartas* de Rennyō, cuja linguagem é praticamente a mesma que os jesuítas encontraram no Japão um século depois. A História do Japão do Pe. Luís Fróis é outra importante fonte de informações úteis para nosso trabalho.

Criamos dentro do Instituto um grupo de trabalho dedicado à tradução denominado *Oficina de Traduções Kumarajiva*. Um dos objetivos do mesmo é treinar os elementos mais jovens e menos experientes para que se tornem eficientes tradutores especializados em textos budistas.

Outro importante campo de atuação do Instituto é o da realização de cursos e palestras em português para o público em geral. Desde os primeiros tempos do Instituto experimentamos, na sede da Missão, várias maneiras de realizar essa tarefa, até chegarmos ao modelo atual de cursos introdutórios de Budismo Básico e Budismo Shin ministrados aos sábados à tarde. O curso de Budismo Shin é ministrado ou pelo Provincial ou por missionários vindos do Japão, com o auxílio de um intérprete, ao passo que os cursos de Budismo Básico ficam sob nossa responsabilidade. Nos templos das cidades do interior também são realizados breves cursos de introdução ao budismo com a duração de um dia. Além dos cursos, tanto na Sede Central como em algumas sucursais são realizadas reuniões mensais para a pregação e o estudo do Dharma em português. Tais curso e reuniões atraem não apenas filhos e netos de japoneses, mas também considerável número de brasileiros de origem não nikkei. Vários desses elementos têm se

interessado em receber o Kikyôshiki e não poucos brasileiros o receberam diretamente do Grão-Mestre Ven. Choken Otani, quando de sua Visitação à América do Sul em outubro de 2007. Alguns desses iniciados passam a atuar como líderes de grupos de estudo e prática do Budismo Shin em suas comunidades de origem. Um deles é Carlos Roberto de Oliveira, gerente aposentado do Banco do Brasil que vive no Recife, capital do estado de Pernambuco no Nordeste do país. Tendo recebido o Kikyôshiki na Sede da Missão, exerce intensa atividade beneficente na área da saúde junto a comunidades carentes de sua cidade e lidera um grupo de estudos de Budismo Shin em sua residência. Outro exemplo notável é o do estudante de pós-graduação em Psicologia Heitor Dias que, tendo recebido o Kikyôshiki no ano passado das mãos do Grão-Mestre, acaba de instalar um grupo de estudos de budismo Shin na Universidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, onde está fazendo seu Mestrado. Existe ainda um grupo de estudos na cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, que foi organizado pelo Rev. Wagner Bronzeri. Outro grupo está em vias de se organizar sob nossa orientação na Universidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

Há que também registrar nossa participação nos Encontros da Nova Consciência, retiros espirituais inter-religiosos que são realizados anualmente na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, no Nordeste, com o apoio da Prefeitura Municipal e do governo do Estado. Esses Encontros, realizados desde 1992, durante o Carnaval, congregam milhares de pessoas e contam com a participação de representantes de várias religiões e filosofias que realizam palestras, mesas redondas, workshops, etc. Temos participado dos mesmos desde 1997, representando a tradição budista. Em nossas primeiras participações enfatizamos o budismo em geral, mas a partir de 2006 temos realizado workshops específicos sobre o Budismo Shin.

Um novo campo de ação que tem se revelado bastante promissor é o das atividades missionárias desenvolvidas através da Internet. No Brasil já é intensa a

atividade budista desenvolvida na Web, centralizada no Portal Budista Dharmanet (<http://www.honganji.org.br>) através do qual é possível acessar os *sites* das organizações budistas tradicionais e regulares que atuam no Brasil, baixar traduções dos textos sagrados das várias escolas, comprar livros budistas numa livraria virtual, acompanhar um noticiário budista constantemente atualizado, etc. A Missão Sul-Americana conta hoje com três *sites*: Site Oficial da Missão: <http://homepage.mac.com/ishu/nambeihongani>; Site do Templo Apucarana Nambei Honganji em Apucarana, Estado do Paraná, a cargo do Rev. Wagenr Bronzeri: <http://www.honganji.org.br>; Site do Templo Tohoku Nambei Honganji em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, a cargo do Rev. Tadao Sawanaka: <http://br.geocities.com/templobudista>.

Existem ainda numerosas comunidades budistas no Orkut e excelentes fóruns de discussão sobre as várias correntes budistas, dentre os quais cumpre destacar o Fórum de Discussão sobre o Budismo Shin criado pelo Rev. Wagner Brozeri em julho de 2003, contando hoje com 183 participantes, sendo a maioria dos mesmos brasileiros de origem não nikkei vivendo em várias partes do país e alguns no exterior: Budismo_Shin@yahoogrupos.com.br.

A partir de algumas semanas atrás o Fórum está experimentando uma mudança significativa quanto a seu conteúdo. Diminuem as mensagens de principiantes ou curiosos buscando informações primárias e começam a predominar intervenções de estudiosos amadurecidos discutindo questões doutrinárias de grande profundidade. A título de exemplo, apresentamos abaixo um trecho de uma intervenção do estudioso Daniel Arraes registrada no Fórum no dia 29 de maio de 2008, em meio a uma discussão em torno da afirmação do Prof. Soga Ryojin de que o Bodhisattva Dharmakara seria o alaya vijnana:

Acho que antes de tentarmos fazer um paralelo entre Dharmakara/Amida com o Alayavijnana (Consciência Armazém)

deveríamos entender este último no seu contexto original: a Escola Citamatra/Yogacara.

Ao fazermos isso, para entendermos o processo dialético de transformação da Consciência Armazém, de algo impuro (Dharmakara) em algo puro (Amida) devemos relacioná-la com as três naturezas (Tri Svabhava).

- 1-o Imaginário (parikalpita)
- 2-o Interdependente (paratantra)
- 3-o Aperfeiçoado (parinippana)

Resumindo a discussão, o terceiro é a ausência do primeiro no segundo. Ou seja, quando a Consciência Armazém (Dharmakara) é purificada de todas as projeções conceituais (e, portanto, imaginárias), ela se transforma no Dharmakaya (ou seja, a mente de sabedoria infinita de um Buda).

Pelo que entendi do Shin, por nós sermos ignorantes, amida nos concede o Shinjin, que é um dharma mental incontaminado. O Shinjin ficaria armazenado em nossa Consciência Armazém daqui até alcançarmos a iluminação. Então, o Shinjin seria uma espécie de “bomba-relógio da ignorância”, que no momento certo transforma o Alaya vijnana de dentro para fora...

Muitas pessoas interpretam a escola Mente Apenas (Yogacara) como se esta dissesse que todas as coisas do universo fossem manifestações de algum tipo de mente primordial. É muito comum vermos em textos contemporâneos que tratam da tal Mente Búdica a distinção entre mente e Mente.

De acordo com Dan Lusthaus e muitas outras fontes, não se encontra tal visão em Asangha/Vasubandhu. Isto seria devido a uma fusão entre os ensinamentos Mente Apenas com a doutrina da Natureza de Buda. Doutrina esta inclusive refutada por Asanga e Vasubandhu.

Entendo Dharmakaya como a mente iluminada que compreende a natureza última dos fenômenos (vacuidade de existência intrínseca). Logo, cada Buda tem seu Dharmakaya, Como resultado desta percepção de sabedoria, o que antes eram os cinco skandhas contaminados dos Budas, se transformam no Sambhogakaya. E devido à compaixão infinita dos Budas, os Sambhogakayas se manifestam nos Nirmanakayas. Dessa forma, o Sambhogakaya seria como um ventríloquo e o Nirmanakaya o fantoche.

Intervenções como essa nos levam a concluir que o nascente budismo brasileiro está começando a ingressar na infância e a atingir a maioridade e que a Missão Sul-Americana está dando sua contribuição para isso.

Conclusão

Como já foi dito, o budismo de imigração centralizado na celebração de funerais e ritos em memória dos ancestrais para as famílias nikkeis está em franco declínio. Templos outrora florescentes nos tempos áureos da vinda de imigrantes japoneses para o Brasil estão fechados, por falta de missionários residentes e de fiéis. O número de devotos diminui por causa do fenômeno *dekasegi* e porque a maior parte dos descendentes dos imigrantes não demonstra maior interesse na conservação do patrimônio espiritual de seus ancestrais. Caso a Missão Sul-Americana permaneça presa a esse modelo, não hesitamos em afirmar que ela está fadada a desaparecer num futuro não muito distante.

Entretanto, um novo tipo de budismo está nascendo, centralizado no público brasileiro em geral e, como vimos acima, há sinais promissores de que a Missão Sul-Americana já está dando seu contributo, ainda que modesto, no processo de formação do mesmo. Para não desaparecer, a Instituição precisa aproveitar o momento presente para transformar-se radicalmente, investindo em atividades que a convertam em budismo de missão, sem descuidar, evidentemente, das atividades que tradicionalmente tem desenvolvido junto à comunidade nikkei. Acreditamos que a Missão terá de investir pesadamente em atividades educacionais e editoriais para buscar meios alternativos de subsistência. Precisarás também alcançar maior visibilidade junto à sociedade brasileira. Campos de atuação não lhe faltarão, pois o Budismo da Terra Pura já começa a atrair o respeito e o interesse do público brasileiro, a exemplo do que aconteceu em relação ao Zen, ao Theravada e ao Budismo Tibetano, ramos do budismo presentes e atuantes em vários pontos do território nacional.

Referências

GONÇALVES, Ricardo Mario. *The South American Mission of the Shinshu Otani-ha and his contribution to Buddhism in Brazil*. *The Eastern Buddhist*, vol. 40, n. 1 and 2, 2009.